

O fim da Pax Americana



» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário

A Pax Americana, que vigorava desde que o silêncio dos canhões anunciou o fim da Segunda Guerra, dá sinais de estar se esgotando. Num momento histórico em que qualquer um pode afirmar, sem risco de ser ridicularizado, que Hitler era comunista, que o Tiradentes era gay ou que o papa é pedófilo, fica claro que nada é como antes. Nosso mundo de confiança, acolhedor e reconfortante, vai se tornando um mundo de desconfiança, em que acordos de cavalheiros se tornaram vaga reminiscência histórica. Na atualidade, golpes baixos são assestados todos os dias pelas mais altas autoridades, restando às vítimas os olhos para chorar.

Faz apenas um mês que Donald Trump assumiu a Casa Branca. Nesse curto espaço de tempo, seu comportamento, reforçado pelo de J.D. Vance, seu vice-presidente e pelo de Elon Musk, seu assessor especial, tem demonstrado que a solidariedade atlântica — base estável do que, até outro dia, chamava-se Ocidente e que incluía a América do Norte e a Europa — está demolida, varrida, morta e enterrada. Em duas semanas, deixou de existir.

Pode-se até, sem forçar na caricatura, incluir a América Latina nesse falecido mundo

atlântico. Excetuando-se uma ou outra erupção antiamericana aqui e ali, os países latino-americanos faziam parte desse mesmo universo. Relembrem-se naturalmente exceções tais como Cuba, Nicarágua e Venezuela.

Abrigada há 80 anos sob o guarda-chuva da proteção dos EUA, a Europa acordada assustada. A reviravolta é tão violenta e inesperada que chefes de Estado e de governo, parlamentares e outras autoridades parecem agitar-se, frenéticos, correndo de um lado para outro, tais formigas cujo formigueiro tivesse recebido vigoroso pontapé. Da noite para o dia, teme-se que os acordos consignados na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) — tratado de defesa mútua assinado em 1949 entre EUA, Canadá, Turquia e 29 países europeus — tenham-se tornado letra morta.

Na guerra que se instalou na sequência da invasão russa do território ucraniano em 2022, Trump deixou claro seu apoio ao agressor, posição esdrúxula, que contraria o bom senso e o direito que os países livres e soberanos têm de defender o próprio território de ataques externos. Segundo Trump, Zelenski, o presidente da Ucrânia, que conta com 63% de aprovação de seu povo, não passa de um “ditador” que tem mais é que se dobrar às imposições de Moscou. Da posição de Trump, os espanhóis diriam que é “un atropello a la razón”.

Trump não parou por aí. Foi além, saltou todas as linhas vermelhas e adotou ao pé da letra a posição de Moscou. Declarou, alto e bom som, que a Ucrânia terá o direito de aderir à União Europeia, mas não à Otan. É exatamente o que deseja um Putin incomodado com a perspectiva

de ter mais um membro da Otan à sua fronteira.

Zelenski, presidente da Ucrânia, mostrou prudentemente seu desacordo com as palavras de Trump. Já um indignado Emmanuel Macron, presidente da França, declarou que “ninguém tem o direito de dizer que a Ucrânia não tem direito a entrar na União Europeia ou na Otan”. E embarcou para Washington a fim de repetir essas palavras a Trump, cara a cara. Como se vê, formigas desnorteadas se perguntam como é possível que lhes falte chão debaixo das patinhas.

Donald Trump, além de ser narcisista em alto grau, é dono de um ego desmesurado. Disso, o mundo se deu conta. Outra faceta de sua personalidade, que vai se revelando com o passar dos dias, é a que o leva a não fazer distinção entre amigos e inimigos, aliados e adversários. A Europa é a maior aliada dos EUA, uma realidade de 80 anos, desde o fim da guerra. O desdém com que Trump tem tratado o aliado tradicional é estonteante.

Mas por que diabos o presidente americano está agindo assim? Louco, não é. Tem de ter em mente um plano, posto que seja inexecutável. É plausível que, após analisar a atual situação geopolítica e considerando a inescapável ascensão da China, tenha decidido cindir o tabuleiro mundial em dois mundos, um capitaneado pelos EUA e o outro, pela China. Isso explica seu desejo de trazer a Rússia para seu campo, passando por cima da Europa — que considera favas contadas.

O plano até faria sentido, mas a forma estabelecida como está sendo implantado pode pô-lo a perder. Se der certo, será a cortina de ferro resuscitada, em outras coordenadas geográficas.

Os aspectos político-sociais da tarifa zero



» FRANCISCO CHRISTOVAM
Diretor-executivo da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos

A implementação da tarifa zero em algumas cidades brasileiras vem possibilitando um amplo debate sobre essa importante política pública, nos seus mais variados aspectos. Pelo alcance e consequências de um projeto dessa natureza, a sua adoção passa, obrigatoriamente, por avaliações políticas, técnicas, operacionais, urbanísticas, econômicas e, principalmente, sociais.

Embora a tarifa zero tenha sido adotada em Conchas, interior do estado de São Paulo, em 1992, foi no período pós-pandemia que essa prática cresceu de forma acelerada. Hoje, 140 cidades brasileiras estão subsidiando seus sistemas de transportes com a utilização da tarifa zero de maneira plena ou parcial, ou seja, em alguns dias da semana, em algumas áreas da cidade ou para segmentos específicos da população.

A prática da tarifa zero é uma medida que visa eliminar a cobrança de tarifas para os usuários, garantindo o pagamento do custo da produção dos serviços por outras fontes — geralmente subsídios públicos — possibilitando o acesso universal a esse serviço, essencial e estratégico, pelas pessoas de mais baixa renda que, na essência, é o segmento populacional que mais precisa e mais depende do transporte público.

Entre os argumentos mais relevantes para a utilização da tarifa zero estão a garantia do direito social ao transporte, nos termos do artigo 6º da Constituição Federal; o direito à cidade, conforme previsto no Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257, de 10/7/2001), e o incentivo ao uso do transporte público coletivo, visando diminuir o interesse e o crescimento do transporte privado individual — carros e motos — que congestionam o trânsito, dificultam o uso mais democrático do espaço urbano, causam maior poluição ambiental, comprometem a sustentabilidade urbana e desorganizam o funcionamento das atividades socioeconômicas nas cidades.

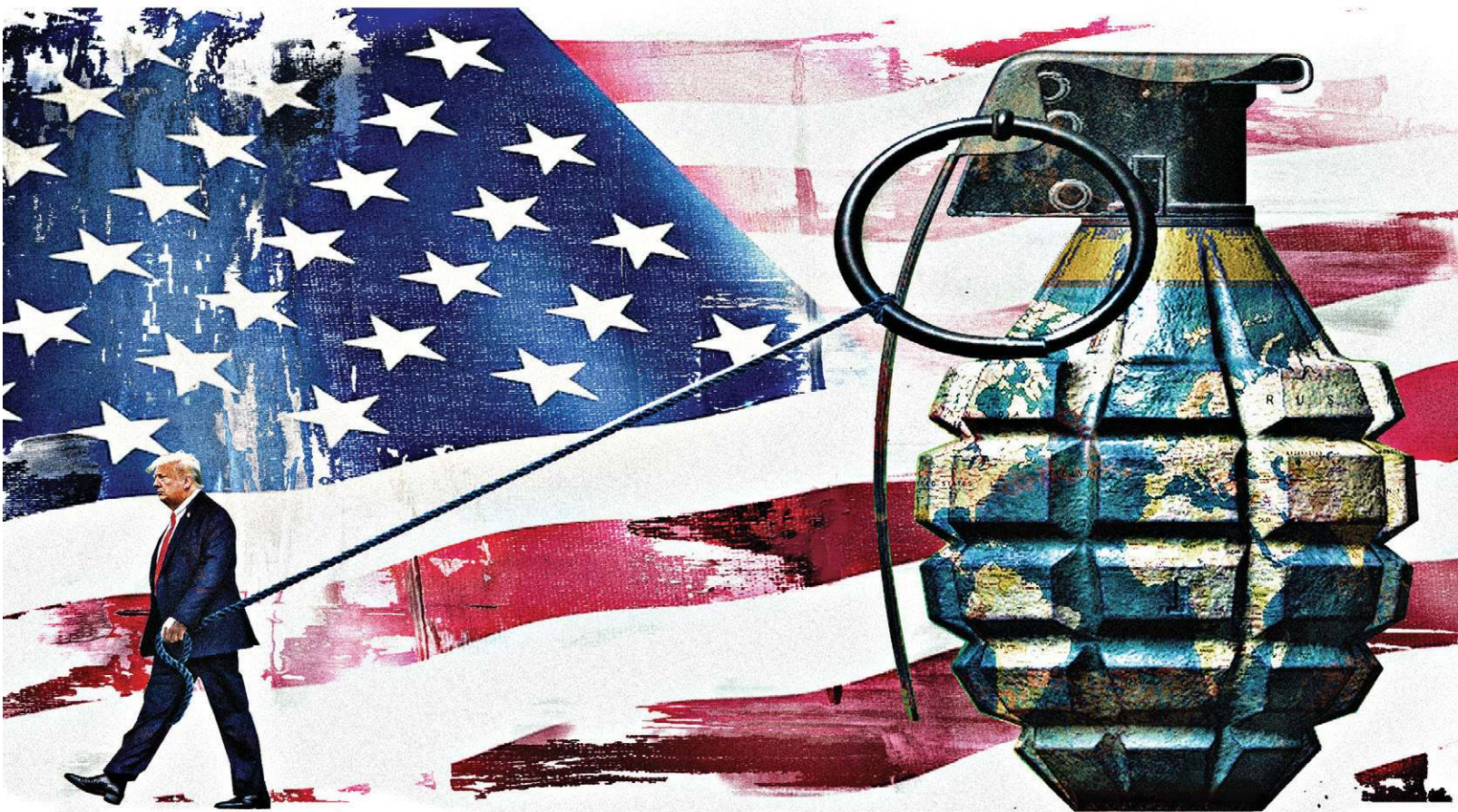
No entanto, é importante verificar a correlação entre modelo tarifário e ocupação urbana, pois se verifica que, nas cidades que adotaram alguma modalidade de tarifa zero, houve um significativo aumento do movimento dos centros comerciais, normalmente localizados na região central das cidades, bem como das viagens de fim de semana com a finalidade de proporcionar lazer às famílias de menor renda que residem nas periferias dos municípios. Esse efeito pode promover a integração entre diferentes classes sociais e maior coesão social, diminuindo desigualdades e proporcionando um direito mais igualitário à cidade.

Deve-se considerar ainda que, do ponto de vista social, a tarifa zero pode ter impactos extremamente importantes nas camadas mais vulneráveis da população, pois, além de ampliar o acesso ao transporte, beneficia quem, por muitas vezes, deixa de acessar serviços básicos, como saúde e educação, bem como oportunidade de emprego, devido ao custo das passagens. Com a gratuidade, trabalhadores de baixa renda e desempregados também podem se deslocar com mais facilidade em busca de tratamentos médicos e de oportunidades de qualificação e de colocação.

Os benefícios sociais da tarifa zero são muito significativos e apresentam um grande desafio, da concepção do projeto à sua efetiva implementação. Mas o financiamento do sistema, incluindo a cobertura dos custos operacionais e dos investimentos em frota e infraestrutura, precisa ser cuidadosamente planejado para responder ao inevitável aumento da demanda e garantir a qualidade e a frequência necessária dos ônibus, evitando superlotação e a degradação dos serviços pelo desequilíbrio entre o número de passageiros e a oferta de lugares. Normalmente, o custeio dos serviços é realizado por meio de impostos progressivos, o que provoca um debate sobre justiça fiscal e a participação equitativa de toda a sociedade.

Assim, a adoção da tarifa zero apresenta potencial para promover justiça social, inclusão e sustentabilidade, mas para ser efetivada, como uma verdadeira política pública, precisa ser bem planejada, ter fontes permanentes de recursos e um modelo de financiamento equitativo e sustentável para o curto, médio e longo prazos.

É importante destacar que todo esse debate deve ser acompanhado de uma discussão mais ampla sobre a garantia de um transporte público de melhor qualidade, tarifas mais justas e serviços cada vez mais universais, com pleno acesso para todos os segmentos da população. A população precisa escolher o transporte público coletivo não apenas pela sua universalidade e gratuidade na prestação dos serviços, mas pela sua qualidade e pelo atendimento às suas expectativas e necessidades de deslocamento.



Flores comestíveis: nova aposta da gastronomia e oportunidade aos horticultores



» WARLEY MARCOS NASCIMENTO
Pesquisador da Embrapa Hortaliças e presidente da Associação Brasileira de Horticultura

As flores comestíveis têm sido utilizadas desde a Antiguidade, seja na ornamentação dos diferentes pratos, seja no seu efeito benéfico na saúde, neste caso, como planta medicinal. Nos últimos anos, tem observado, em diversos países, o uso dessas flores comestíveis principalmente na gastronomia, e, aqui, no Brasil, esta “tendência” vem se popularizando a cada dia, principalmente por meio dos chefs ou influenciadores, que, neste caso, usam (e abusam) dessas flores encantadoras, com suas pétalas delicadas, cores vivas e contrastantes, proporcionando, assim, um visual — e claro, um sabor — diferenciado aos diferentes pratos. Soma-se a isso o consumidor mais “antelado”, que tem se mostrado mais aberto a experimentar novas receitas, com cores e sabores diferenciados.

Consideradas como novas fontes de nutrientes e compostos bioativos, as flores comestíveis têm despertado interesse de pesquisadores nas diversas áreas do conhecimento. Elas podem ser consumidas tanto frescas, o mais comum, quanto refogadas, fritas, desidratadas, ou congeladas. Acompanham tanto os pratos principais quanto as saladas, mas não param por aí. Podem ser utilizadas ainda na elaboração de doces, geleias, chás, infusões,

e em drinks e coquetéis (na preparação dos cubos de gelo ou mesmo dando aquele toque especial à bebida).

Com toda essa variedade de cores, sabores e texturas, podemos consumir qualquer flor? A resposta é não, pois algumas flores podem ser tóxicas, devendo assim, buscar informação daquela flor que pode, ou não, ser consumida. Para o consumidor que busca o produto em feiras, supermercados etc. não há muito do que se preocupar quanto à segurança do alimento, mas para aqueles que queiram produzir para o próprio consumo, aí sim, devem ficar atentos no que pode, ou não, ir ao prato, seja buscando informações nas embalagens de sementes (não tratadas) disponíveis no mercado, seja na literatura disponível. Vale mencionar que o pólen contido nas flores, na maioria das vezes, pode causar algum problema, uma vez que pessoas alérgicas ao pólen podem apresentar reações sensibilizantes de pele e respiração. Assim, recomenda-se a remoção do grão de pólen e anteras antes de utilizar qualquer flor em receitas, até porque, na maioria das vezes, esses componentes têm um sabor desagradável. Ainda, algumas flores comestíveis, quando consumidas em excesso, podem causar algum desconforto.

Sem querer esgotar a lista, citamos algumas dessas espécies, geralmente flores ornamentais, que podem ser consumidas e que estão disponíveis no mercado: alyssum, amor-perfeito, begônia, boca-de-leão, calanchoê, calêndula, cosmos, cravina, gerânio, girassol, hibisco, lavanda, phlox, rosa, tagetes, torênia, verbena, violeta, zinnia, entre outras. Flores

de algumas hortaliças, como abóboras e abobrinhas, mais conhecidas pela população, podem ser utilizadas, fritas ou refogadas, bem como flores de algumas Plantas Alimentícias não Convencionais (Panc), como bortalha, capuchinha, lírio-do-brejo, ora-pro-nóbis e vinagreira. Em termos didáticos, embora não necessariamente foco deste artigo, incluímos, nesta lista, alguns exemplos de hortaliças, cujo produto comercial são as flores (alcachofra) ou as inflorescências (couve-flor e brócolis).

Geralmente comercializadas em grandes centros consumidores, produtores especializados nesse negócio — sim, existem pequenas empresas atuando exclusivamente neste negócio, empregando, inclusive, práticas e ou tecnologias utilizadas na produção de hortaliças, como cultivo protegido, fertirrigação etc.—, oferecem produtos mais sustentáveis, sem uso de agrotóxicos, os quais são entregues diretamente em restaurantes, ou são comercializados em bandejas de plástico transparente, dispostas em gôndolas refrigeradas, no setor de hortaliças. Esse mix de flores frescas, que enche os nossos olhos, pode conter uma grande diversidade de espécies.

Sem dúvida, as flores comestíveis dão aquele toque de elegância nos pratos, nas bebidas, nas sobremesas, e a tendência é que sejam cada vez mais procuradas e consumidas, trazendo assim, mais uma oportunidade para os produtores (ou iniciantes) nesse novo nicho de mercado. De alto valor agregado, permitem a esses empreendedores, uma ampliação em seus produtos para atender à demanda, ainda que pequena, mas crescente.